

CORREIO DO ALGARVE

Redactor — **Guerreiro Fogaça**Jornal monarchico, independente e social Proprietario e director — **P.º João Henrique**

ASSIGNATURAS

Trimestre 150 | Numero avulso. . . 25

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez

ANNUNCIOS
Acceita-se cada um mediante uma assignatura

Redacção e administração, RUA DE SANTA BARBARA—LAGOS

Composição e impressão, *Minerva Commercial* de José Ferreira Baptista, RUA DO PAÇO 73 e 75—EVORA

DESALENTOS

E' desolador ver o campo da politica portugueza. Ventos d'insania assolam desapiadadamente a arvore da monarchia. Se os fructos chegam a cahir em tempos calmos, quanto mais não cahirão no desencadeamento das tempestades?!!

Na alma dos defensores e amigos da monarchia vão tocando os desfalecimentos. No coração dos que presam as instituições vão-se aninhando a tristeza e a dor—consequencia dos desvarios politicos e ambições desmedidas de muitos dos nossos homens publicos.

Chegámos a um tempo em que a chamma intensa do amor da patria parece extinguir-se do peito de muitos homens, que militam nas fileiras de partidos que rodeiam o throno real e que dizem ter por pendão a bandeira das quinas. O lemma bem da patria, da monarchia e do povo parece ter-se apagado e ser substituído por um outro lemma medonho e tetrico: desprezo à patria, à monarchia e ao povo, interesse pessoal, sustentação de caprichos e augmento de clientella partidaria.

Os que deviam zelar pelo interesse geral do país, pela prosperidade do povo, digladiam-se acremente por questúnculas mesquinhas de interesse meramente particular. Entretanto a nação debate-se em crises angustiosas, sem que haja quem as debele. A nossa autonomia corre risco de se afundar n'um oceano de torpezas. Uma dominação estrangeira ameaça-nos com seus terrores. Guerra sangrenta divisa-se através do bastidor negro da politica malhada da nossa nação.

E enquanto os inimigos da monarchia, abusando da palavra liberdade e da falta de energia dos governos, incitam o povo à revolução, quer em comícios, quer na imprensa, dão aos monarchicos exemplo de união e solidariedade, estes permanecem num marasmo comprometedor e condemnavel. Não é o amor da patria, não é o bem da nação, não é o desejo de readquirir o antigo prestigio portuguez que dão calor aos discursos de alguns dos nossos politicos. Semeiam rivalidades, deffendem odios, espalham intrigas, só com o

fim de ascenderem ao poleiro da governação, para conquistarem o penacho do *mando, quero e posso*. E d'esta luta de ambições, imitando os grillos do padre Patagonia que acabavam devorando-se mutuamente, vem a desunião, o enfraquecimento, a derrota por ultimo. E quando a monarchia precisar dispôr das suas forças, encontra uma serie de traidores, que se diziam seus partidarios.

A prosperidade nacional, a nossa independencia, os direitos das diversas classes periclitam, por muitos politicos não cumprirem os seus deveres. E poderemos nós assistir de braços cruzados ao desmurramento da nossa nacionalidade—edificio cuja construcção tanto suor e sangue custou aos nossos antepassados? Não.

Convem, urge a todo o transe retirar todo o apoio a alguns homens, que compromettem a nossa nacionalidade. Protestemos mais por actos que por palavras contra tal procedimento. Unam-se todos os portuguezes, que prezam a sua patria e exijam responsabilidades aos que abusam da sua situação, que, na realisação de seus fins nefastos, tanto arriscam os interesses publicos.

Salve-se a honra, readquira-se o prestigio, melhore-se a situação economica do país e moralise-se a politica. N'isto está o interesse da patria e o bem de todos nós. J. H.

Incitando á chacina . . .

N'um jornal republicano lê-se o seguinte:

«Os comícios nunca serão bastante desafronta ante uma infamia (o convenio) que só a tiro e a chuva poderá ser vingada. A's armas contra os ladrões! A's armas contra os traidores! A' morte! A' morte, libertadora e purificadora, não em nome da justiça, que, até hoje, raro victimiza os grandes culpados. . . .»

A' morte! Seja o referido cá irá vingador e salvador que o povo vá entrando pelas ruas onde as sargetas deem vasão ao sangue reles d'essa sinistra gatunagem, até que vá correndo na onda dos esgotos, única sepultura digna de o receber.»

E consentem que assim se incite o povo à *carnificina*? E' espantoso, horrivelmente aterrador! . . . E queixam-se os *sanguinarios* de que a actual lei d'imprensa tolhe a liberdade de pensamento, e que urge modificá-la! Fora com elles; abaixo os tyranos, os *fraticidas*! . . .

LYSTER FRANCO

No jardim da litteratura algarvia Lyster Franco pode considerar-se uma flor, que começou já a derramar os perfumes da sua prosa, a produzir os fructos das suas composições.

No acampamento do jornalismo assentou a sua tenda, onde abundam bellas produções. Nas paginas do «Districto de Faro», de «O Heraldo», do «Guadiana», do «Correio do Algarve» e de outros jornaes tem elle engastado algumas joias litterarias, outras tantas estrellas que brilham no ceu da sua existencia. Estylo florido, sentimentalismo e elegancia se encontram nas suas obras litterarias.

Contos funebres, *Iluminuras*, livros já saídas á luz da publicidade, são como duas azas em que a alma do nosso collaborador se firma para voar ao pedestal da admiração em que alguns leitores o collocam. A estes livros de linguagem polida se pode applicar os versos do poeta

Não cessa ali a musica das aves:
Virações meigas da estação das flores
Impregnadas de aromas recendentes
(Paraiso perdido C. IV)



Lyster Franco

Professor do lyceu de Faro

Como professor tem dado bastantes provas da sua competencia, captando dos seus alumnos sympathias e merecendo dos collegas consideração e respeito.

A arte encontra n'elle um cultor apaixonado. Move a penna com facilidade e o pincel com pericia.

Lyster Franco, vivendo em outro país, faria uma fortuna com a aptidão da pintura. Na Escola das Bellas Artes de Lisboa conquistou applausos dos mestres, obtendo valiosos premios no seu curso. Merecem elogios os seus quadros historicos: «A lenda de Ourique», «A ceia de Emmaus», «D. Maria de Castella, pedindo auxilio ao seu pae D. Affonso IV de Portugal, contra a invasão arabe», «Martim de Freitas ante o cadaver de D. Sancho II». Em paysagens diversas sobressaem quadros como «inverno».

No Algarve inaugurou o anno passado exposições de arte, apresentando 53 quadros, que lhe grangearam dignos encomios.

Actualmente trabalha para organizar com a collaboração do

seu collega Esequiel Pereira uma exposição de arte.

Aqui lavramos publicamente o preito das nossas homenagens ao escriptor, ao professor, ao artista e ao trabalhador incansavel que tanto honra o Algarve.

Os sentimentos d'elles . . .

Pelo tacto de estar em exposição na tabacaria Azevedo uma photographia d'El-Rei D. Carlos, escreveu um jornal republicano, ha dias o seguinte:

«De fital-o passa-nos um calafrio pela espinha. E' medo? Não, não é. E' impeto, é arremesso, é furor. A impressão que experimentamos é a de uma provocação que pede desforço immediato.»

Que tartufos! . . . Depois de terem cevado seus odios no sangue da victima, ainda sentem *furor*, arremesso e vontade d'um desforço! . . . Cobar-des!!! . . . E são d'esta força moral estes apostolos da Liberdade, Fraternidade e Igualdade!

Que hypocritas, e que tartufos! . . .

Uma pergunta

O jacobinismo não enfraquece na sua propaganda demolidora, atacando o regimen e os seus mais altos representantes, sem a mais leve sombra de pudor.

Na imprensa, nas associações e nos comícios, vem-o a toda a hora, a todo o instante, deturpando factos, envenenando intenções, promovendo, insidiosamente, uma agitação e uma revolta de espiritos que elles pensam epilgar com a victoria das suas ambições. . . . Por toda a parte se fazem incitamentos á revolta, com insultos e ameaças da proxima *liquidação*, quer *queiram ou não queiram*. Quem manda é esse grupo revolucionario, poderosamente auxiliado pelos que afivelam a mascara de monarchicos, manejando, com tudo, na sombra e fazendo-o em jogo torpe, a occultas.

Decididamente estamos sobre um vulcão e entre chamas. Pergunta-se então:

Que fazem os monarchicos sinceros?

Consentem que se estenda pela provincia e pelos campos a intensa propaganda revolucionaria, deixando campear, infrenemente, os adversarios do Rei e do Regimen, ou unem-se, e já, n'um esforço patriótico para a salvação commum, terminando de vez esta reles comedia? Decidam-se! quanto antes, se são sinceros!!

SANTOS.

Pela Ordem do Exercito de 22 de Maio passou ao Estado Maior da arma o capitão d'artilheria sr. Castello Branco, que commandava a bateria n.º 4 d'artilheria aqui estacionada. Ficou a exercer identico logar o capitão da mesma arma sr. Neves e Castro.

Sobre junho

Etymologicamente a palavra *Junho* vem do latim *Junius*.

Junius, conforme Bréal e Bailly, vem de *deus*, cujo plural é *di*. O *d* inicial, antes vogaes *e* e *i* seguidas de outra vogal, caiu por completo até ao seculo XII, ficando o *i* com valor de *j* nas palavras começadas por *i* seguido de vogal.

Junius! que deu a nossa palavra *Junho*, vem de *juno ius*, cujo o final de *juno* caiu em frente do *i* do suffixo *ius*, ficando *junius* pertencendo á declinação dos *themas* em *o* masculino e por conseguinte *juno*. A etymologia da palavra *juno* não é de facil explicação. A sua primeira parte é *diouna*; o *o* e o *u* desta palavra por crasa se fundiram em *u* longo, dando *diuna*. Diz Fr. Domingos Vieira: «em *juno* o *u* está por *ou*, indicando que *juno* está por *jovino*, feminino de *jovis*,» genitivo de *jupiter*, cuja etymologia é *pater deorum*. O *d* inicial de *diuna* caiu pelo mesmo motivo acima apresentado, ficando depois *juna* cuja letra *a* mudou para *o*. Assim, pois, salva melhor opinião, se formou a palavra *juno*, que deu origem á palavra portugua *junho*.

Como a semivogal latina *i* tinha o valor de *j* no principio das palavras em que ao *i* se seguia outra vogal no latim escrevia-se *Junius* e em portuguez nos primeiros tempos tambem *Junho* com *i*, como se encontra em Lucena e nas *Decadas* de João de Barros.

Porem, nas *Decadas* de Diogo de Couto já apparece o *j* e não *i* na palavra *junho*.

Como é sabido os romanos no tempo do rei Romulo principiavam a contagem dos mezes do anno não em janeiro, mas em março e proseguiam até fevereiro. A cada um dos mezes davam os nomes que melhor entendiam e que serviam ou para honrar e recordar a memoria dos seus heroes, ou para indicar o numero d'ordem dos mezes a começar em março.

O mez de junho era o quarto mez do anno no iro calendario de Roma, passando depois para o sexto a começar em janeiro. Deu-se-lhe o nome de *junho* para honrar a memoria dos *ma's novos* (*juniorum*) e simultaneamente para honrar a deusa Juno, rainha dos deuses e mulher de Jupiter.

São interessantes os factos attribuidos á deusa Juno, como a mythologia nos pode ensinar.

P.º J. HENRIQUE.

Pela junta hospitalar d'inspecção reunida em Evora, foram concedidas as seguintes licenças: ao ex.º sr. tenente-coronel Figueiredo, 25 dias; ao ex.º sr. tenente Lopo M. do Carmo—40 dias e ao ex.º sr. Julio Bento—60 dias.

Que todos estes nossos ex.ºs assignantes e amigos, ao terminarem as suas licenças, se encontrem completamente restabelecidos.

Ainda o repto em Lagos

... «estou prompto a submeter-me a quaesquer provas sobre a lingua franceza que de mim exija qualquer dos cavalheiros que fazem parte do grupo leccionista ou qualquer outro da cidade, sejam quaes forem as condições que para isso me proponham.»

(a) José Julio Lapelier Berger.

Da «Provincia do Algarve»

O sr. Berger já disse em jornal posterior a este em que lançou o repto que não reptara o publico!!! Foi por conseguinte contra o bom senso, contra a significação das palavras e contra a auctoridade dos dictionaristas. Chame-lhe desafio ou por euphemismo convite, o que aquelle sr. nunca conseguirá é arrancar a ideia que dão as palavras acima transcriptas.

Veiu tambem já dizer que aquellas suas palavras se referiam *somente* (sic) a mostrar a sua competencia no ensino de francez no curso do lyceu!!! Pretendeu assim restringir a latitude á significação das palavras que escreveu: *stou prompto a submeter-me a quaesquer provas sobre lingua franceza*, indo assim contra a boa interpretação das palavras, julgando talvez parvos os seus leitores.

Depois de eu acceitar o repto tal como foi lançado, depois de elle não dizer durante os cinco dias do primeiro prazo que lhe dei, veio mais tarde dizer que só o acceitaria se se fallasse francez, isto é, veiu propondo condições não mantendo as palavras: *sejam quaes forem as condições que para me isso proponham* alem de que esta condição era contraria á que eu, usando do direito por aquelle sr. conferido, propuzera por diversos motivos. Que sã razão e que coherencia!

Provavelmente vinha assim, pretendendo confundir-me ou amedrontar-me, julgando que eu desistiria do que propozera, o que não consegui. Imagine-se que eu tambem queria usar propasias e para fazer correr mais o sr. Berger lhe propunha servirnos ambos da lingua latina, e de uma forma rigorosamente philosophica, visto a lingua latina ser mais uzualmente e com mais vantagem empregada nas questões scientificas e n'estas dever-se-ia empregar a philosophia. Podia o sr. Berger acceitar taes condições? Elle que, nem chegou a frequentar taes aulas, provando-o bem a maneira como se apresenta. Não teria eu a estulticia de apresentar-me aqui como sabio nestas questões, pelo facto de, desde ha nove annos até hoje diriamente as estudar, já por exigencia dos meus illustres professores, já por necessidade de algumas explicar e por gosto de as conhecer.

E quem dirá que sem regulares conhecimentos de latim se possa conhecer bem uma lingua novi-latina como é a franceza, de modo a publicamente se fazer um repto como o do sr. Berger?

Das *cem mil palavras* que, segundo Larousse, compõem o lexico francez, quantos milhares e milhares d'ellas não teem origem no lexicon latino, que o sr. Berger desconhece?

Que nomes chamará o sr. Berger aos que, porque sabem latim, sabem mais francez que elle? Não pertencerão á *especie inqualificavel* Darmesteter, Léopold Sudre, Antoine Thoma quando no *Traité de la langue*

francaise escreveram sobre o francez: *Le lexique est constitué d'abord par les mots du latin populaire*, e duas paginas depois na 25.^a linha dizem: *Les mots qui appartiennent à la fois au latin classique et au latin populaire sont extrêmement nombreux; ils constituent pour ainsi dire le noyau du français*. E M. Ampère quando disse: *le français est une langue latine; les mots celtiques y sont restés; les mots latins sont la langue elle-même ils la constituent*; como seria classificado Ampère? Bréal e Bailly no seu livro *Leçons de Mots-cours supérieurs. Dictionnaire étymologique latin*, que um saudoso professor me obrigava a manusear, o que lhes desejaria o sr. Berger, provando áquelles que no latim estava o fundamento scientifico da lingua franceza?

E' reconhecido que o latim deu origem á lingua franceza, como quem conhecer a *sapiencia* do sr. Berger ha de concluir com razão que elle não podia acceitar a minha proposta por falta de conhecimentos. Se não podia ter aproveitado os dois prazos que lhe dei. Com o que elle já escreveu, se poderá ver quanto deve saber. Julga a sciencia inventar-se e custa-lhe dizer que *ensinando* ha vinte annos o francez desconhece-lhe as bases scientificas. Paciencia. Ha muita gente por cá que falla e ensina portuguez e lhe desconhece os rudimentares principios etymologicos.

O sr. Berger que decore até as virgulas da grammatica Chapsol e Noel e venha apresentar os seus *conhecimentos* sobre as questões ha tempo apresentadas a saber: *etymologia, suffixos, prefixos e sua significação, metrificacão, versificacão, formaçãõ de palavras, derivacão, evoluções historicas da litteratura franceza, stylistica e relações da lingua franceza com as linguas latina e grega*.

Já que o sr. Berger se recusa a ir a qualquer localidade, que não esta (por aqui não encontrou jury segundo affirma) prestar provas sobre as questões. acima indicadas, venho pela ultima vez (pois é já a 3.^a) apresentar outro alvitre: No dia trez do corrente mez, desde as dez horas da manhã até ás quatro da tarde, o sr. Berger mandará participar-me qual o local, em que deveremos comparecer, a fim de fazermos por escripto uma dissertação sujeita a regras proprias, acerca das já mencionadas questões, applicadas a dois pontos: um em proza, outro em verso tirados á sorte. Estas dissertações serão publicadas em jornaes de maior circulação no pais para sua publica exauctoracão. Não me dê o desgosto de se esquivar mais uma vez, não?!

Para não continuar com o que em philosophia se chama ignorancia do elencho; aquelle sr. não tem outra resposta que não seja acceitar este meu alvitre.

Não confundir repto com insultos no que aquelle sr. é consumado artista.

PADRE J. HENRIQUE.

De visita a sua ex.^{ma} familia estão, ha dias, n'esta cidade os ex.^{mos} srs. 1.^o sargento Arthur Basto dos Reis e 2.^o sargento Humberto Bastos dos Reis d'infanteria 15, mui intelligentes filhos do nosso bom e velho amigo ex.^{mo} sr. Major Reis, digno commandante da 9.^a companhia de reformados. Felicitamos pae e filhos.

CONTRADIÇÕES

Teve logar, finalmente, no sabbado, 22, a reunião da commissão local de soccorros ás victimas dos terremotos no Ribatojo, para decidir por que meio deviam ser enviados os donativos obtidos.

A commissão comprehendeu desde o começo dos seus trabalhos a missão nobre de que fôra encarregada; composta de associações e funcionarios, impulsionados, todos pelo mesmo principio de solidariedade, esforçaram-se pelo cabal desempenho da sua ardua tarefa. Os donativos obtidos pelo bando precatório e outras fontes de receita, fizeram um total superior ao que se esperava; todos concorreram de bom grado para ajudar a minorar a sorte dos nossos irmãos do Ribatejo e n'este grande abraço de fraternidade foram postos de parte os interesses, quantas vezes mesquinhos, da politica partidaria.

Bem haja a todos.

Alem da meza poucos mais membros da commissão compareceram á reunião de sabbado, porque, pouca importancia merecia a forma como haviam de ser entregues os donativos; a muitos se afigurou mais propriamente um trabalho da meza do que da commissão; era reciproca a confiança, pois nenhum intuito surgira estranho ao fim que se tinha em vista.

Foi n'esta altura que appareceu um inflamado demagogo a declarar que se achava alli, symbolo da imparcialidade, para indicar aos demais o verdadeiro caminho!

Elle que brilhava sempre pela ausencia em todos os trabalhos da commissão, achou commodo vir botar falla, apresentar alvitres, dar-se ares, depois do trabalho feito.

Começou por apresentar um aviso previo que tinha por fim limitar o mandato da commissão apenas á abstenção dos donativos, pois a entrega d'elles, dizia o orador, dependia ainda d'um comicio, cremos que arranjado por elle, no qual se havia de resolver a *magna* questão.

Esta ideia da limitação, no caso presente, do mandato d'uma numerosa commissão composta de representantes de todas as classes sociaes, é extraordinaria pela *ingenuidade* que revella. A commissão podia obter os donativos, mas entrega-los, isso não, porque não convinha ao capricho de S. Ex.^a. Sem se importar com o que havia de incorrecto n'este procedimento, que era um labéo de desconfiança lançado a uma commissão digna de consideração e de respeito, proseguia, sempre azedo o caminho das incoherencias, incompatibilizando-se com tudo e com todos.

Continuando a affirmar a sua *imparcialidade* declarava sempre que não tinha preocupações politicas ao tratar do assumpto que se ventillava, e em assumpto, alli mesmo, affirmando as suas convicções republicanas, diz que não podia concordar em que os donativos fossem entregues a uma commissão presidida por El-Rei.

Admirae a argucia d'este tribuno og gentes, que ficastes estarecidos perante elle nos comicios d'Espiche!

Admirae-lhe a obra! Vede como saiu airoso, enroldado em contradicções, desde o começo da sessão até ao fim!

Mas nada conseguiu, senão fazer retirar a pouco e pouco

alguns membros da assembléa, cheios de aborrecimento e enjôo. Aturdido, atrapalhado, infeliz, saiu por fim, deixando em todos a impressão de que... perdera mais uma boa occasião de estar calado.

ALCYON.

LUTUOSA



Sucumbiu em Lisboa aos estragos d'um cancro no estomago, a ex.^{ma} sr.^a D. Marianna Leal Prado, prima irmã da ex.^{ma} espoza do sr. tenente-coronel Figueiredo, e da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Leal, intelligente professora official em Aljesur. A familia enluctada, os nossos pesames.

Victima d'uma pneumonia e na provecta idade de 85 annos, finou-se a ex.^{ma} sr.^a D. Maria do Ceo B. Oliveira, irmã do sr. major Oliveira d'esta cidade.

No preito funebre vimos, entre outros cavalheiros, os seguintes: major Correia; notario Ramos; administrador do concelho; capitão Lazaro; Pedro Tello; e Francisco Tello, ás borlas do caixão; e mais os srs. general Luz; tenente-coronel Figueiredo; major Diogo; capitão Justo; tenentes Palleti; Baptista e Fogaça; alferes Rato; ex-governador civil Formosinho; Francisco Rozado; Jayme Fogaça; escrivão de fazenda; Apparicio Palma; Pedro Correia; notario Rocha; Bramão Coelho; 1.^o sargento Soares; Francisco Pacheco; Gil Lourenço; 2.^o sargento Jorge e Callado; José Martins; Antonio Santos; Francisco Gomes Junior; Antonio Barros; major Marcelino, etc.

Sinceramente acompanhamos a ex.^{ma} familia da illustre finada, no seu desgosto.

Falleceu n'esta cidade a ex.^{ma} sr.^a D. Guilhermina Tovar, irmã do sr. Cassio Emilio Tovar, e tia dos srs. director da alfandega de Lagos e Joaquim Cassio. No funeral incorporaram-se as primeiras pessoas d'esta cidade. A familia enluctada apresentamos as mais sentidas condolencias.

Suffragios

Por iniciativa do 1.^o sargento do D. R. R. 17, sr. Soares, celebrou-se no dia 19 de maio na parochial de Santa Maria, d'esta cidade, missa de *requiem*, por alma do 2.^o sargento que foi do 3.^o batalhão d'infanteria 17, sr. Francisco José de Barros. A piedosa cerimonia assistiram os ex.^{mos} srs. alferes Nicolau de Souza; sargento ajudante de infanteria 4 Sousa; 1.^o sargento Soares; 2.^{os} sargentos Jorge; Agus; Oliveira; Rosa; Souza; Jesus; Varella; Pinguinhas; José Julio; Cezar e Barrozo, e o 1.^o cabo do D. R. R. 17, J. A. Carlos.

Paz á alma de quem em vida soube captar a sympathia e amizade de quantos o conheceram.

Que belleza!!

Consta que o actual ministro da marinha não é portuguez, mas *brazileiro d'origem*.

Como as leis mais fundamentaes do pais já se transgridem muitas vezes impunemente, não nos admiramos do facto, caso seja verdadeiro.

Desprezem os governos as leis, e depois queixem-se da anarchia que vae lavrando pelo pais.

ONDINA

(De Louis Bertrand)

... Je croyais entendre une vague harmonie enchanter mon sommeil...

CH. BRUGNOT.

—«Escuta!—Escuta! Sou eu, é Ondina que orvalha com estas gottas de agua os losangos sonoros da tua janella illuminada pelos pallidos raios da lua; eis aqui, envolta em gaze diaphano, a dama castellã que contempla ao seu balcão a bella noite estrellada e o lindo lago adormecido...

«Cada vaga é uma ondina que nada na corrente, cada corrente é um atalho que conduz ao meu palacio, e o meu palacio encantado existe no fundo do lago, no triangulo do fogo, da terra e do ar...

«Escuta!—Escuta!—Meu pae agita a agua cantante com um ramo de ulmeiro verde, e minhas irmãs acariciam com seus braços de espuma as frescas ilhas de hervas, de nenuphars e de glycinias, ou zombam do velho salgueiro tombado que parece pescar á linha!»

Murmurada esta canção, pediu-me que recebesse o seu anel, que o enfiasse no dedo, para ser o esposo de uma Ondina, visitar com ella o seu palacio e para ser o rei dos lagos.

E como eu respondesse que adorava uma mortal ciosa e desconfiada, Ondina derramou algumas lagrimas, soltou uma gargalhada e desapareceu n'um aguaceiro que adornou de perolas brancas os vitraes azues da minha janella gothica!...

Faro, 5.^o 1909.

LYSTER FRANCO.

Roubo

Na noite de 29 de Maio foi pela gatunagem que por aqui anda desenfreada, assaltada a residencia do parcho do Odaxere. Os gatunos roubaram roupas e algumas colchas de seda, tudo avaliado em 80.000 réis.

Pedem-se promptas providencias a quem competir.

Vantagens do comicio em Lisboa

Discursando no comicio, perante alguns milhares de pessoas (dois mil, dizem) disse o sr. dr. Brito Camacho:

«Não é para se fazer em publico n'uma assembleia d'aquella natureza, a critica do addiamento, considerado como infracção da lei juridica e da lei moral, e menor ainda a analyse d'um complicado diploma, como é o tratado com o Transvaal. Seria crueldade *sem nome e sem desculpa* manter sob o sol dozejante alguns milhares de pessoas etc...»

Outro orador, o sr. dr. João de Menezes disse: «Não é alli que apreciará as clausulas do convenio. Seria barbaridade obrigar o povo a ouvir o debaixo do sol abrasador etc...»

De maneira que tudo aquillo visava a arrancar, somente, alguns *vivórios á republica*, para ficar tudo liquidado, como ficou. E para conseguirem *vivório* gastaram tanta rectorica! Não mereceu a pena, á certa.

Deu á luz uma creança do sexo masculino, a ex.^{ma} espoza do nosso amigo e assignante sr. Sebastião Silva.

Felicitamos os paes do interessante recém-nasido.

SECÇÃO POÉTICA

A uma interessante e joven artista de circo

Que mystica loucura me embriaga
Quando n'arena ella entra sorridente!...
E' que a luz da razão logo se apaga
E o coração me pulsa doidamente...

A pelle é como a neve... loura a trança...
O collo é um primor... O olhar subtil
Tem a meiguice ingenua da creança
E a côr do ceu n'uma manhã d'abril.

Ella ahí vem risonha e attrahente!...
Tem o fino sorriso d'uma rainha...
E o vaporoso andar que nem se sente
Lembra o languido vôo d'uma andorinha!

Qual meiga fada que em visões surgisse
Reune em si n'uma harmonia ideal
A suave belleza d'uma miss
E da hespanhola a forma sensual.

Quem me dera sentir o doce arfar
D'aquelle seio tão puro e tão divino
Que, como o sol, nos faz estontear
E nos entusiasma como um hymno!

Mas que enorme tristeza então me esmaga
Quando ella se retira sorridente!...
Volto á razão, mas nunca mais se apaga
O desejo de a ter eternamente!

Lisboa JERONYMO MADEIRA.

Como se BUIÇA o povo

Dr. José Montez, no comicio de Rio Maior:

«A missão dos propagandistas está finda. Tem de calar-se os homens para que fallem as espingardas.»

Dr. Antonio José d'Almeida, no comicio da Marmelleira:

«O regimen por vezes sente-se enfiado: é a dispepsia dos velhos abusos.»

Ha todavia um bello medicamento para curar as gastralgias monarchicas — é cosimento de polvora com balas á mistura.»

E nós, os reaccionarios, é que incitamos o povo á revolta e arranjam os pavorosos!!

Monographia de S. Bartholomeu de Messines

POR

Francisco X. d'Athaide Oliveira

O nome do auctor d'este livro é por si só o maior elogio, que se pôde fazer de tão importante e instructiva obra.

Nos tempos correntes, em que apparecem livros como cogumelos, tendo alguns como estes tambem pouco valor, é animador ver no campo das letras surgir livros do merecimento d'esta *Monographia*, fructo de um cerebro fecundo e de uma intelligencia privilegiada.

Assumpto palpitante ennastrado a sciencia nada vulgar, exposta em «linguagem cheia de antigas energias portuguezas e rendilhadas com buril moderno» como dizia Camillo, dão ao livro um conjuncto admiravel de interesse e curiosidade.

Agradecemos a amabilidade da offerta.

Parte brevemente para as Caldas de Monchique acompanhado de sua familia, a fazer uso d'aquellas thermas, o nosso redactor sr. Guerreiro Fogaça.

Como discute o sr. Berger

Este cidadão, lançou na «Provincia do Algarve» um repto sobre questões da lingua franceza. Aceitei tal repto, cujas provas se não deram, não é isto devido a mim, mas ao sr. Berger. Este sr. agora (*e é brilhante a defesa*) vem cobrir-me de insultos não se lembrando de que o publico, que não é tolo, sabe tal procedimento ter sido provocado pelo repto, que elle audaciosamente lançou e que eu aceitei. N'uma chuva de improprios diz na sua linguagem *mimosissima* que eu *propositadamente desvirtuei o sentido das suas palavras e phrases*. E' falsissimo, como se poderá observar no que eu escrevi em o «Correio do Algarve» n.º 23, 2.ª pag., 1.ª columna.

Podia eu accrescentar ou diminuir alguma palavra, mas ficou sempre o mesmo sentido. Tambem quando se narra um facto, lido em qualquer parte não se empregam n'essa narração á risca as mesmas letras e palavras.

Quando alguém quer reproduzir o sentido de uma local ou conversa está obrigado a representar as mesmas letras, as mesmas palmas? que viu e ouviu?

Não deturpando eu o sentido, disse eu que aquellas eram as palavras textuaes d'aquelle cavalheiro? Não. Sei bem e ha muito tempo que as proprias palavras d'outrem (ipsa verba) se põem entre haspa e eu não as puz, como se pode ver, pondo-as o sr. Berger, quando malevolamente as trasladou. E demais, eu no periodo em questão, não querendo alterar o sentido precedi-o d'estas palavras: *«reduz tal desculpa a isto:»*

Ora aquelle cidadão que em questões não sabe ser leal, devia ao menos se-lo para o publico.

Em frente da figura que fez no repto, ainda terá coragem de vir insultar-me? Pois não verá aquelle sr. que é suspeito e que todos dirão que é uma *desforra* muito mesquinha?

Com insultos ganharia a questão?

Caso fosse verdade que tudo quanto diz e possa dizer no futuro era certo, o que tinha isto com o repto?

Julgara o sr. Berger que pelo facto de elle, só elle, dizer que a sua vida é *clara como a luz*, julgar-se-ha immaculado?

Julgara o sr. Berger que eu tomo informações a meu respeito, sendo verdadeiras, quer venham de Santa Barbara ou de qualquer outra parte? Pode publica-las responsabilizando-se pela sua veracidade ou o informador (era optima occasião para uns lactos), ou o sr. Berger?

E' já tempo d e o sr. Berger explicar a razão porque, sendo a principio os insultos dirigidos a mim e ao Sr. Guerreiro Fogaça, deixou já este na penumbra, atirando settas contra mim, procedimento que se explica, não só pela triste figura que fez na questão do repto, mas tambem por odio a alguns membros da classe ecclesiastica.

Acho tambem que vae chegando a hora propria de o sr. Berger dizer publicamente, *em que tempo, em que lugar, por que causa e de que se tratava, quando eu faltei (diz elle) á palavra*. Diga, explique-se. Não succeda com esta questão o mesmo que com a da Encyclopedica.

Com que então menti (o sr. Berger provavelmente chama á verdade mentira, effeito de não frequentar aulas proprias d'estas

questões) menti quando eu disse que elle não respondera no praso marcado na questão do repto? Ensinar-lhe ao ouvido o verbo mentir e agora applicava-o em tudo. Diga onde respondeu, de modo que se visse a resposta no praso estipulado?

E' celebre! Escreveu no ultimo dia do praso para ser estampado num jornal que só trez dias depois seria publicado e visto aqui pela primeira vez no dia 9 de maio, terminando o praso no dia 5 d'este mez!!!

O publico que commente e diga como Cicero *tousquetandem abutere patientia nostra*.

A'quelle sr. devolvo todos os insultos e agradeço-lhos, porque provam que elle tem falta de argumentos; porque provam o grau de instrucção e educação que possui e ao mesmo tempo fica o publico sabendo mais uma vez o seu procedimento.

P.º J. HENRIQUE.

Commentarios... a tiro

Em nome da liberdade de pensamento, escreveu uma gazeta republicana:

«E' necessario, absolutamente necessario, que não fique sem resposta a traição hedionda e que a lama lançada pela monarchica á face da nação, seja *lavada com sangue* pois que se o ultimatum inglez teve como resposta o 31 de janeiro e a dictadura teve como resposta o 1 de fevereiro, e ai de nós se este tratado fica de pé sem o *commentario d'alguns tiros*...»

Vae, pois, brevemente receber a Monarchia, como commentario ao convenio *alguns tiros* para lavar com sangue a lama do mesmo!!!...

E digam lá se um paiz, onde se toleram semelhantes licenciaturas, não está mil vezes abaixo da Turquia ou Marrocos, no conceito dos povos civilizados?! Pobre Portugal que te deixas suicidar lentamente, por meia duzia de *libertarios*!!!...

A's livres-pensadeiras

Affirma Camillo Castello Branco:

«Mulher irreligiosa é uma razão perdida no vacuo da consciencia. Mas a que faz praça da sua incredulidade, é *cousa repugnante*; tanto monta ouvir a na sala, como na taberna.»

Que dirão a esta *insuspeita* opinião de Camillo, algumas livres-pensadeiras que conhecemos?

Provavelmente nada, porque nem sabem talvez que existiu Camillo; e no caso de o conhecerem de nome, são capazes de o alcunharem de *reaccionario, clerical e jaquitá*!!!... E d'ahi...

Providencias

De ha tempo a esta parte tem estado Lagos quasi a saque, pois raro é o dia em que se não praticam roubos, ainda que de pequena monta. A respectiva autoridade administrativa ousamos pedir providencias urgentes, para evitar taes abusos, requisitando policia de Faro, pois que não é um só agente que pode policar efficazmente toda a cidade, além de que não podem estar os nossos haveres á mercê d'uma quadrilha de gatunos que faz da cidade o seu theatro d'operações.

Encontra-se n'esta cidade o capitão d'engenharia ex.º sr. Leotte Tavares, dig.º ajudante de Sua Magestade El-Rei.

Cumprimentos a s. ex.º

CORRESPONDENCIAS

Silves.— Com o concurso das damas e cavalheiros d'esta cidade tem lugar, em 6 de junho, uma batalha de flores e um sarau litterario musical, seguido de baile, no salão nobre dos Paços do Concelho. Ha grande entusiasmo, estando já inscriptos, para a batalha, 14 carros de Silves e 8 de Lagoa. Aos carros, cavallos e byciclettes que melhor se apresentarem serão conferidos premios em objectos d'arte, distribuidos pelo jury no sarau, cujo programma publicaremos brevemente e em que collabora a sr.ª Condessa de Silves.

C.

Ferragudo, 26.— Apesar de serem calamitosos os tempos que vamos atravessando, não pudemos deixar de registar que ainda se faz justiça no nosso paiz, porque ainda temos magistrados illustrados e verdadeiramente conscienciosos. Porquanto, tendo sido arbillosamente recusado o cumprimento d'um direito parochial, por João Gregorio Bentes e mulher, Maria Paula Bentes, foram estes condemnados no Juizo de Paz de Lagoa. Houve appellação, sendo a sentença confirmada pelo Ex.º e muito digno Dr. Juiz de Direito d'esta comarca de Silves.

—E' bem certo, os discursos e palavras bombasticas, são bellas, são precisas, mas não é só precisa a loquela.

C.

Aljezur.— As creanças da escola primaria masculina, acompanhadas pela philharmonica local, fizeram a saída da missa uma «quête» a favor das victimas do Ribatejo, que rendeu 11395, o que junto a 27970, com que os mesmos alumnos contribuíram, e a de 18860, saldo cedido por uma minuscua sociedade de quatro ou cinco amigos, perfaz o total de 16225 réis.

C.

S. Braz d'Alportel.— Continuam enfermos os srs. José Dias Sancho, commerciante d'esta praça, e Manuel Romão Junior, do logar do Serro d'Alportel, filho do proprietario e negociante de cortica sr. Manuel Romão. Desejamos promptas melhoras.

C.

Faro.— Reina o maior enthusiasmo pelas proximas festas da cidade nos dias 11, 12 e 13.

No aprasivel sitio de Santo Antonio, trabalha-se activamente na construcção da praça de touros que será inaugurada n'um dos dias da festa. Os empresarios não se teem poupado a esforços para que a corrida, completa novidade para Faro, se realice com o maior brilhantismo.

O projecto da illuminação da doca trabalho devido ao sr. Joaquim Lopes do Rosario é lindissimo, esperando-se que o effeito seja deslumbrante. Outros projectos não menos curiosos e interessantes são os da ornamentação da praça D. Francisco Gomes e das barracas da kermesse, cuja execução está confiada ao habil artista sr. José Prophirio. Os fogos d'artificio que se queimarão nas noites de 12 e 13 veem de Vianna do Castello dos pyrotechnicos afamados srs. Silva & Filho.

Estão contractadas as magnificas philharmonicas de Loulé «Artistas de Minerva» e «União M. Pacheco», esperando-se que

a comissão de regatas contracte a banda de infantaria 4.ª. Alem d'este n.º do programma, haverá tambem desafio de footballe entre um grupo de estudantes do lyceu e alguns alumnos da Palmella, corridas, gymnastica sueca, exercicio de bombeiros etc. etc.

Todas estas festas promettem revestir extraordinario brilho, esperando-se enorme concorrência de forasteiros de todos os pontos da provincia que levarão as melhores impressões das festas.

C.

Esteve bastante enfermo durante alguns dias, o nosso amigo e assignante, rev.º padre Bernardo Luiz, dig.º prior da Luz (Lagos). Felicitamol-o pelo seu restabelecimento.

Administrações republicanas

E' facto demonstrado já que as republicas se não administram melhor do que as monarchtas.

Antes pelo contrario.

A França, por exemplo, é o paiz onde cada cidadão que nasce se vê assoberbado por uma divida enormissima. E' o paiz que mais deve em todo o mundo, excepto a republica das Honduras.

Em Portugal, desde longos annos, vem-se fazendo por parte dos republicanos uma campanha de descredito contra as administrações monarchicas.

Pois, muito bem.

O paiz pôde pôr os olhos na administração republicana da camara de Lisboa.

E' tire d'ahi o corolario que quizer.

Emquanto a camara de Lisboa era monarchica, os jornaes republicanos atacavam-na a proposito de tudo, mas especialmente por causa do preço da carne, que diziam elles, era exagerado indo affectar principalmente as classes pobres.

A camara é agora republicana. E que aconteceu á respeito das carnes?

E' que o preço é o mesmo, apesar do decreto que permite a importação de carnes congeladas e de gado da Argentina; apesar de lá ter no pelouro respectivo o agrônomo sr. Miranda do Valle, que em comicios tantas cousas prometteu a favor das classes desprotegidas; apesar, enfim, de toda a cantata de admirações independentes, livres das peias de compromissos e de favores.

Resultado final:

O povo de Lisboa esteve no domingo e segunda-feira sem carne nos talhos, nem nos da camara, nem nos da Companhia ou syndicato de marchantes.

E' é nisto que deram aquellas entradas de... leão, dos vereadores republicanos, no municipio da capital do reino.

E' bem certo o dictado: Entradas de leão... sahidas de...

«A Voz do Caixeiro»

Recebemos a visita d'este nosso collega que começou a publicar-se em Evora, e que se propõe defender a prestimoso classe dos caixeiros. Agradecendo a amabilidade da visita, desejamos longa vida e prosperidades.

Em digressão a Sagres e Cabo de S. Vicente, passaram por esta cidade os rev.ºs David Netto e Duarte Cunha, respectivamente priores de Monchique e Mixilhoeira Grande.

QUESTÕES SOCIAES

A criminalidade infantil

O seu extraordinario desenvolvimento na Allemanha

O augmento da criminalidade na Allemanha vem tomando ha alguns annos proporções inquietadoras.

Em 1882 houve no imperio allemão 315:849 pessoas condemnadas por crimes e delictos.

Em 1906 esse numero subiu a 524:113, não contando com as contravenções á lei sobre o serviço militar. Esta aterradora percentagem de 15,4 por cento manifesta-se quasi só no sexo masculino. Contra 30:719 menores condemnados em 1882, houve em 1906 a bonita conta de 55:270 condemnações de menores.

Por estes numeros é de facil supposição que a Allemanha é o paiz que actualmente conta mais criminosos. Ainda não foi esquecida a megêra da Baviera cujos crimes fizeram estremecer a Allemanha inteira. Essa megêra tinha 14 annos apenas. Recorde-mos ainda o drama singular que se passou em Saxe no fim do anno passado: uma joven convidou o seu noivo a fechar os olhos e a abrir a bocca. O rapaz esperava ir saborear qualquer goli-dice. Uma bala de revolver fez-lhe saltar o craneo.

Tribunaes para crianças em Inglaterra e nos Estados-Unidos

A doutrina que nos Estados Unidos determinou a criação dos tribunaes para creanças é que «a creança, quando pratica um crime deve ser considerada mais como um doente a tratar do que um criminoso a punir.»

Nos Estados Unidos, o menor, quando detido não é lançado na prisão com convivencia com os adultos corrompidos.

Não comparece tambem deante d'um tribunal publico. Em cada cidade ha um juiz encarregado de todos os processos relativos ás creanças. Tem absoluta liberdade para escolher, applicar, modificar ou suspender o tratamento applicado ao criminoso infantil. Não ha o julgamento n'uma sala d'audiencias. Não ha debates, nem advogados nem accusadores.

Tudo se passa na intimidade d'um gabinete que melhor chamariamos medicinal, do que judiciario.

Depois do interrogatorio, esse juiz especial faz um minucioso inquerito sobre os antecedentes e a familia da creança. O menor com idade inferior a 16 annos nunca é enviado para a prisão commum. Dá entrada em uma casa de correccão ou n'uma escola profissional. A duração da prisão nunca é fixada, pois depende da forma como a creança se conduzir. Se o juiz quizer, em lugar de recorrer á correccão ou á escola profissional, usa da liberdade com vigilancia. O juiz, por exemplo, julga que uma creança qualquer não tem o caracter prevertido, parece-lhe que os paes da creança peccam por negligencia na sua educação. Accusada de vagabundagem ou de roubo, a creança é enviada novamente para a familia, mas fica sob a tutella do tribunal.

Um delegado trata de saber se ella não mendiga, se não se entrega á vadiagem, se frequenta a escola ou o atelier. O menor parece-lhe fora de perigo? Cessa a vigilancia. Trata-se então de lhe procurar um lugar no mundo

do trabalho. O juiz emprega-o. Por este processo, os Estados Unidos reduziram enormemente a reincidencia no crime. Em New-York, apesar das tentações de todas as especies que abundam nas grandes cidades, a reincidencia é apenas de 17 %; em Chicago de 8 %; em Denver de 5 %.

A Inglaterra, que considera a vigilancia dos criminosos menores como um dos primeiros deveres do Estado acaba de adoptar o systema americano. Em 20 cidades inglezas em que existem os tribunaes para creanças, a reincidencia baixou de 50 % a 8 %.

A lei franceza

O parlamento francez ja deu o primeiro passo para imitar o exemplo d'aquellas duas grandes nações.

Para a instrucção das creanças retardatarias que não tenham frequentado a escola no tempo devido, foi votada no Senado uma lei que cria nas communas e departamentos escolas de aperfeçoamento annexas ás escolas elementares futuras, ou escolas autonomas de aperfeçoamento que poderão comprehender um meio pensionato e um internato. As escolas annexas recebem as creanças dos 6 aos 13 annos; as autonomas permite-lhes continuar o curso até aos 16 annos, ministrando ao mesmo tempo a instrucção primaria e o ensino profissional.

Não seria já tempo de entre nós se ir pensando nos meios a empregar contra a aprendizagem do crime?

O poder da Republica

Num comicio republicano, teve o sr. Antonio José este excelente repto romantico:

«O povo portuguez, desde que deixa viver a monarchia quando, com um pequeno esforço a pôde esmagar, está a protegê-la inconsciente e involuntariamente.»

Mas, c'os demonios! porque não acabam com isso, pondo mãos á obra, para mostrarem a verdade do que firmam.

Do contrario, continua a gente a suppô-los uns grandes intrujões.

Mas isso de andar todos os dias a ostentar forças faz-nos lembrar o adagio: «cão que ladra não morde».

Que virtuosos patriotas!!!...

Então o sr. dr. Antonio José d'Almeida não vae para um comicio pôr a calva dos seus ex-alliados á mostra, afirmando que:

«Habitou-se a ver n'elles uma guarda avançada da monarchia, pisando já com o bico do pé o campo republicano.»

Mas viu-os ao seu lado de espingarda ao hombro, nos dias ominosos de janeiro de 1908. Como o orador, os dessidentes batalharam e valentemente alguns, pela republica portugueza; como o orador, elles tinham o mesmo alvo, que era a monarchia, e viam deante do cano das suas armas a mesma fera, que era a dictadura. Pensavam como o orador em exilar o rei, mais a rainha, mais o principe real, mais o infante, hoje rei, mandal-os á preça no primeiro navio, ou no primeiro comboio, para fora da terra portugueza.

E não havia de ter vertido lagrimas em Salamanca, o sr. Alpoim, quando soube da morte de D. Carlos e do Principe, desejando-lhes tanto bem estar?!

E ainda houve quem duvidasse da sinceridade do sr. Alpoim! Ingratos e injustos!

Estabelecimento hydrologico de Pedras Salgadas

A mais rica estancia do paiz

Abriu no dia 20 de maio

Assistencia medica, pharmacia, novo estabelecimento balnear completo, soberbo parque, divertimentos ao ar livre, casino, estação telegrapho-postal, etc.

Aguas alcalinas, gazozas, lithicas, arsenicas e ferruginosas, uteis na gotta, manifestações de arthritismo, diabete, affecções de figado, estomago, intestinos, rins, bexiga, dermatoses e muitos outros padecimentos, como o provam innumeros attestados das maiores notabilidades medicas do reino e estrangeiro.

Excellentes hoteis, propriedade da Companhia: Grande Hotel, Hotel do Norte e Real Hotel do Avellames, todos elles muito ampliados.

Caminho de ferro até Pedras Salgadas.

Nascentes exploradas: Penedo, D. Fernando, Gruta Maria Pia, Grande Alcalina, José Julio Rodrigues e Penedo Novo.

Fonte D. Fernando: muito gazozza e bicarbonatada sodica, natural, é excellente agua de mesa.

Encontram-se á venda as aguas de todas as nascentes de Pedras Salgadas, nos hoteis, restaurantes, drogarias e pharmacias e em todas as casas de primeira ordem.

Esclarecimentos no escriptorio e deposito da Companhia, rua da Cancellia Velha, 29 a 31—PORTO.

Depositarios em Lisboa—J. R. Vasconcellos & C.^a, largo de Santo Antonio da Sé, 5, 1.^o

P. S.—Sendo a Companhia proprietaria dos melhores hoteis d'esta formosa estancia, resolveu só permittir o goso dos seus parques aos hospedes dos seus hoteis.

JOSÉ MARTINS DA CUNHA

Solicitador registado nos tribunaes de Faro, Loulé e outros

Agente da Remington machina de escrever

Agente de A Nacional seguros de vida

Agente de commercio

Procede a cobrança de rendas, dividas e informações de firmas de todo o paiz

NEGOCEIA CONCORDATAS

«Stock» permanente de arroz hespanhol, amendoim e carbureto de calcio

Oleos para a industria e luzes. Productos pharmaceuticos, etc.

Cofres, Prensas, Caixas Fortes, etc.

Exposição permanente no escriptorio do agente no Algarve

Praça D. Francisco Gomes, 5

FARO

Endereço telegraphico — CUNHA — PROCURADOR

Filial em Loulé, Praça, 51-1.^o

FRANCISCO ANTONIO VARELLA

Estabelecimento de Funileiro

RUA DIREITA, 68

Executa todo e qualquier trabalho em folha de Flandres, zinco, latão e cobre. Gazometros para gaz acetylene.

Urnas de mogno e chumbo.

Grande sortimento de chaminés para candieiros, bocaes, torcidas, etc.

Vidro em chapa, drogas, tintas, vernizes, breu, gesso, cimento e ferragens.

N'este estabelecimento ha sempre em deposito urnas de mogno de 1.^a qualidade, fabricadas no Porto.

Ha tambem á disposição dos freguezes um rico e luxuoso carro funerario que se cede gratuitamente logo que a urna seja comprada n'este estabelecimento.

ANTONIO SIMÕES NETO

Rua do Outeiro e Rua Direita

LAGOS

Participa aos seus estimaveis freguezes que sendo agente n'esta cidade da casa J. B. Lenani & C.^a Antoiny — Belgica — tem deposito de cimentos da dita casa, das marcas — Aguiã e Castello — garantidas, que vende respectivamente a 2:500 e 2:200 réis cada barrica, preços estes com que ninguém mais pôde competir; vendendo tambem a retalho.

Na sua estancia encontram-se madeiras de pinho, castanho e casquinha que vende a preços reduzidos e bem assim ferragens, tintas, vidros, manilhas de grés e barro, soleiras de cantaria, cal, telha, lajes de S. Braz, tijolos, ladrilhos, siphões, pias de cantaria e muitos outros artigos que só á vista o freguez poderá apreciar.

Na sua officina de carpinteiro executa-se com a maior perfeição e rapidez qualquier trabalho concernente á sua arte, e tem sempre em deposito urnas de mogno e caixões já forrados de qualquier tamanho, corôas e flôres artificiaes.

Encarrega-se de qualquier construcção.

Offerece e põe á disposição dos seus freguezes um carro funerario, sempre que o caixão do cadaver que tiver de transportar para a sepultura fôr comprado na sua casa.